

POR UMA

EXPERIÊNCIA ADOLESCENTE



ASSISTIR a um filme é algo de muito complexo e ao mesmo tempo natural. Esse ato, por essência interativo entre obra e espectador, é um dos universos das experiências mais prazerosas, emocionantes e intelectualmente produtivas que se pode ter. É nesse espaço que

POR PAULO VITOR COSTA

nossa relação estética-crítica nasce, cresce e floresce, e nos permite conectar a um espectro variado de ideias, visões de mundo e sensações. Experienciar um filme é um movimento constante de entrega e recepção, é se deixar influenciar pelo cosmo cinematográfico enquanto ele toma forma em seu ser.

Um gênero específico tem a facilidade invejável em propiciar uma experiência genuína a uma maioria esmagadora de seu público. Algo de curioso acontece ao se assistir um *teen movie*. A total indiferença e insensibilidade ou a euforia e a pura tristeza, esses são os efeitos que presenciei e que de certa maneira definem a relação do público com o gênero. A sensação que um *teen movie* deixa em quem o assiste é sempre forte e honesta independente da sua sensibilização ou não, e essa honestidade vem da característica que o define como gênero, a adolescência. Período que todos passamos, e por assim ser entendemos (algo que foi usado como estratégia mercadológica). Mas há mais na adolescência do que o um mercado a ser explorado. Um exemplo muito caro quanto a inevitável parcialidade na experiência de um *teen movie* é o final de *Alguém Muito Especial* (*Some Kind of Wonderful*, 1987), de Howard Deutch.

Ao longo do filme acompanhamos dois personagens completamente diferentes:

Keith, um garoto que de certa maneira parece perdido dentro de sua própria vida, e Watts, a linda amiga de Keith que nutre uma paixão secreta por ele e tem uma sensibilidade incrível em relação ao seu universo. Ao final da história nos deparamos com Keith, segurando em sua mão os brincos comprados com o dinheiro que poupou por toda a vida, correndo atrás de Watts. Eles se reconciliam e caminhando pela rua molhada e cheia de reflexos Keith diz: “You look good wearing my future”.

Eis que, através dessa fala, todo o comportamento errático e instável de Keith, que o tornava um personagem estranho e de certa forma vazio, se justifica e a *mise en scène* esclarece. Ao ver os dois caminharem abraçados, sempre olhando em frente enquanto se distanciam da câmera que logo sobe e também se distancia, transformando o plano

médio da reconciliação em um olhar sobre o ombro para o horizonte, podemos ver que esse final não trata do futuro de Keith, mas da celebração da impulsividade adolescente, da energia e coragem dos jovens, do movimento em direção a si mesmo; é a celebração da inocente coragem vinda da sensação de infinidade que cada adolescente carrega e faz doar o futuro às orelhas da garota que ama.

A adolescência é período de movimento, de deslocamento, de reencontro inconsequente com o mundo. Espaço de transição entre a inocência da infância e o peso de ser um adulto. É a adaptação a um novo corpo, a novos espaços, e a novos rituais. É o período de pura interação e maturação emocional e sexual. É por excelência o tempo de autodefinição no qual a única certeza que se tem é aquilo que não si é. É fase de libertação e de busca pelo risco, de combate entre gerações, inflamação emocional e de conflito. É meia-vida de graça e momentos de infinidade apesar da própria natureza efêmera. É essa sensibilidade e complexidade que interessa ao cinema tematizar, criando essas experiências de pura satisfação.

Vejamos, por exemplo, o filme *Digam o Que Quiserem* (*Say Anything*, 1989), de Cameron Crowe. Existem, disseminados por todo filme dois sentimentos principais: O de “primeira vez”, de experimentação, dando frescor e vivacidade aos personagens além de nos apontar que é naquele amor de verão que a principal mudança em suas adolescências, e talvez em suas vidas, ocorrerá. O outro é um sentimento de fatalidade, que faz com que todas as escolhas e acontecimentos sejam definitivos e irreversíveis e, portanto, extremamente dolorosos.

Cameron Crowe irá modular esses dois sentimentos, puramente adolescentes, para nos passar a sensação de um primeiro amor e da valentia de se enfrentar o mundo.

Soa natural contar uma história adolescente através de um primeiro amor devido a intensidade que ele poderia alcançar nessa transição, mas para nossos personagens, e para Crowe, esse amor é reflexo do período. Ele significa grandes mudanças internas, físicas, espaciais e a busca pelo risco; ele é, de certa maneira, a primeira experiência adolescente de Diane Court, e para Lloyd Dobler um meio para enfrentar o mundo e encontrar a auto – definição.

O sentimento de “primeira vez” nos é apresentado de maneira óbvia e leve. O plano americano que se limita a seguir os movimentos frenéticos de Lloyd nos mostra olhos, mãos e sobranceiras denunciando seu nervosismo, ao lutar contra os móveis até conseguir chamar Diane para sair pela primeira vez; já menina, acostumada com as investidas sorri, morde os lábios e aceita o convite. A adolescência é naturalmente física, tanto pelas mudanças, tanto pela relação do indivíduo com o mundo. É por isso que seus corpos e gestos apontam suas intenções inocentes e sua empolgação com a nova experiência. Crowe respeita isso e apenas registra.

Outro exemplo desse registro seria a cena em que Lloyd ensina Diane a dirigir um carro. Durante a cena, através de três planos, acompanhamos como a falta de jeito da menina, a postura de Lloyd e seus olhares, definem a intenção do que está acontecendo e o que está para acontecer: o primeiro beijo do casal. Crowe evidencia o peso das interações, mesmo que pequenas e sutis, e cria a ambiência suave que os levam ao primeiro beijo. Ainda, quando Lloyd sugere a mudança de lugar, Crowe cria a metáfora corporal perfeita para a dança do primeiro beijo, e do começo de uma relação: o leve e agradável desconforto criado pela proximidade, pelos movimentos e pelas as intenções iniciais, está ali representado quando Lloyd e Diane tentam trocar de lugar, se olhando, sem sair do carro. E ainda nessa sequência, mas um pouco à frente na história do filme, outro exemplo do registro corporal incrível que Crowe constrói nos é apresentado: no final do encontro o casal está no carro e Lloyd treme e não tem a mínima noção do que fazer com as mãos. A felicidade do garoto explode em espasmos.



Outra manifestação do sentimento de primeira vez é a cena da festa de Diane. Ao entrar, a pequena troca de olhares entre ela e Lloyd, que é absorvido pela festa, já evidencia a desconjuntura da menina. Depois disso Lloyd e Diane se separaram e só se encontram em olhares. Diane encara o lugar quase como alguém que não está nele, mas de certa maneira é também absorvida e tem suas primeiras interações: primeiro com sua colega “ultra competitiva” onde se agradecem e admitem o bem que fizeram uma a outra. Depois com Corey, melhor amiga de Lloyd, da qual escuta o desabafo da menina. As primeiras reais interações de Diane com as pessoas de seu mundo acontecem em sua primeira festa e isso nos é ressaltado por observarmos esses momentos através de planos próximos das pessoas com quem Diane interage quase sem interrupções, ou seja, interessa para Crowe nos ressaltar as pessoas que Diane conhece e tem suas primeiras experiências, lhe interessa ressaltar o que ela vê, o que ela sente, e como essa festa realmente se caracteriza como primeiro contato com o seu mundo adolescente e todas as pessoas ali incluídas.

Em relação ao sentimento de fatalidade, ele se manifesta através de duas cenas. “I’ve glimpsed our future and all i can say is: Go back!”, diz Diane Court para seu pai, que ri por ver a ironia da situação. Ao repetir a frase para seus colegas em um discurso de encerramento resta apenas o silêncio ressaltado pelo contraplano geral da reação de seus colegas. De certa maneira a resposta dos jovens à piada de Diane é uma representação exata de como a dor da transição da adolescência para o período adulto de nossas vidas se constrói, pois independente de Diane ser uma jovem muito inteligente e ter a capacidade de entender as perdas de seu futuro, a menina não sente e não entende a dimensão e a extensão dessa perda, já que não viveu sua adolescência como queria. Já

os adolescentes à sua frente, que de certa maneira exercem sua adolescência mais livremente, têm toda dimensão de sua perda, mas não conseguem entender que a realização do sonho de crescer, de ser “gente grande” significa o sacrifício obrigatório de sua liberdade, de sua infância, de tudo que os caracteriza no momento, ou seja o sacrifício de sua adolescência. É na mistura de confusão, incompreensão, dor e ironia que essa representação se estabelece, acentuada por Crowe em cada contraplano de reação da plateia.

A própria frase de Diane já diz muito sobre esse fim, período que muitos ali estão passando e que ela estará vivendo no fim do verão; na frase, na reação e na cena já está presente a natureza crepuscular da adolescência, a fatalidade do fim, a dor que sobrar.

A cena final do filme é outra que representa esse sentimento de fatalidade ou irreversibilidade. Contra todas as expectativas e contra todas as chances, Lloyd e Diane, em ato de pura coragem jovial, fogem em direção à Inglaterra, indo para vida que os espera, a vida adulta. O medo de voar de Diane vira uma grande metáfora para o medo do futuro, que a menina já explicitara no seu discurso de encerramento, e através da tensão sentimos os personagens deixarem para trás suas personas do verão que passou e começamos a sentir a expectativa de que o seu futuro funcione, a necessidade de que a aposta em suas coragens renda felicidade. Seja como for, a aposta foi feita e tudo depende daquele momento, daquela decisão, do “ding”, e não há para onde voltar. O movimento foi feito e as consequências podem ser fatais.

Inevitavelmente a maioria das representações da adolescência no cinema demonstra o término dessa fantástica experiência como algo triste, tenso e eventualmente fatal, representando-a assim em toda sua integridade, e dando voz não só a sua intensidade, mas a irreversibilidade dessa transição final.

Talvez seja aí que a parcialidade de nossos sentimentos quanto aos *teen movies* apareça. Um grande recorte sincero e sensível de uma época que nos apela, nos afeta, pela memória do caos inocente e de uma liberdade única cujo único destino é acabar. A eterna terra das “primeiras vezes” de efemeridade fatal.

Tanto *Alguém Muito Especial* quanto *Digam o Que Quiserem* são *teen movies* que lidam com isso, com a adolescência em si.

Esses filmes trazem a energia inconsequente, a corajosa beleza, o movimento completo através de experiências cinematográficas honestas que nos mostram que a adolescência, assim como o cinema, é movimento constante de recepção e entrega, e de um ser sendo influenciado pelo mundo enquanto esse mesmo mundo se forma dentro dele.

ACIMA: IONE SKYE (DIANE COURT) E JOHN CUSACK (LLOYD DOBLER) EM *DIGAM O QUE QUISEREM* (1989)

AO LADO: LEA THOMPSON (AMANDA JONES), ERIC STOLTZ (KEITH NELSON) E MARY STUART MASTERSON (WATTS) EM *ALGUÉM MUITO ESPECIAL* (1987)



Copyright © 1989 Twentieth Century Fox Film Corporation
All rights reserved.
Permission is hereby granted to newspapers and other periodicals to reproduce this photograph for publicity or advertising except for the endorsement of products. This must not be sold, leased or given away.
Printed in U.S.A.

Twentieth Century Fox Presents
SAY ANYTHING

SKW - AL - C - 1